



Brasília, 13 de abril de 2023.

SUGESTÕES DE AÇÕES DE PREVENÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR

Estabelecer um Grupo de Trabalho (GT) para gestão de crises: é importante que a mantenedora da rede de instituições de ensino e/ou a mantida tenha um protocolo próprio e adequado para sua realidade local, estabelecendo possíveis situações de crise de forma preventiva. Orientamos que o grupo seja composto por profissionais multidisciplinares que tenham competência para criar, monitorar e implementar práticas e rotinas que possam prever riscos e gerenciá-los antes que a crise se instaure. Nesse sentido, recomenda-se que o grupo seja formado por gestores, professores, psicólogos escolares, pedagogos, coordenadores/auxiliares disciplinares, coordenadores de Pastoral, colaboradores da área de Comunicação e advogados.

Implementar planos abrangentes de resposta às crises escolares: é fundamental desenvolver planos de crise prevendo diferentes situações que, por sua vez, contenham papéis claramente definidos para cada membro que compõe a equipe multidisciplinar do GT para a gestão de crise. Os planos também devem considerar a importância da resposta de saúde mental para minimizar o impacto traumático de tais eventos. Portanto, os planos de resposta à crise devem ter procedimentos explícitos para reafirmar a saúde física, garantir percepções de segurança e proteção, restabelecer o apoio social, avaliar o risco de trauma psicológico e fornecer as intervenções apropriadas para o nível de risco.

Potencializar, no currículo, projetos interdisciplinares que valorizem a Cultura da Paz: as instituições de ensino precisam valorizar as relações coletivas estabelecidas de modo a facilitar a construção do conhecimento, considerando a amplitude da complexidade do comportamento e desenvolvimento humano em prol da paz. Daí a importância da introdução e consolidação de valores sociais e conceitos da *Cultura da Paz* que priorizem o respeito e a dignidade humana, prevenindo as violências no ambiente escolar e combatendo o *bullying*. O ambiente educacional precisa ser construído de forma pacífica, com ações cotidianas pedagógicas e pastorais, de forma transversal, gerando autoconhecimento, tolerância e afeto. A paz precisa ser atitude diária (UNESCO, 2021; NUSSBAUM, 2015). Assim, prevenimos e combatemos a violência com a *Cultura da Paz*.

Ampliar a parceria entre as instituições de ensino e os órgãos de segurança pública: segurança se faz em comunidade. É importante integrar os órgãos de segurança pública, sociedade civil e movimentos de voluntariado no esforço para reduzir os possíveis atos de violência nos ambientes educacionais. A escola sozinha não consegue resolver todas as questões de segurança. Portanto, é preciso garantir parcerias, programas de formação e ações que propaguem a *Cultura da Paz*, a divulgação dos canais oficiais de denúncia e a presença educativa de agentes de segurança, constituindo, assim, núcleos permanentes de segurança nas escolas. Recomenda-se trabalhar com dados e com as análises de seus resultados; essas informações serão úteis na tomada de decisões para enfrentar o fenômeno da violência escolar.



Evitar propagar a cultura do ódio e as fake news (notícias falsas): recomenda-se que seja construído pelas instituições educacionais um discurso rotineiro de enfrentamento à disseminação da cultura do ódio e de fake news nas redes sociais e nos grupos de WhatsApp da comunidade educativa. Ações de esclarecimento de fatos e de manutenção da visibilidade das ações institucionais, em relação ao fenômeno da violência escolar, transmitem segurança e confiabilidade à comunidade educativa.

Fortalecer a parceria família-escola: a formação das crianças e dos adolescentes acontece em diversos espaços, sendo o ambiente familiar o principal deles. A escola e a casa são os lugares em que uma criança passa a maior parte do seu dia e, por isso, é importante que as famílias e escolas fortaleçam sua parceria em momentos desafiadores. As instituições de ensino são locais seguros para as infâncias, adolescências e juventudes. Entretanto, não existe uma solução única ou simples para tornar as escolas totalmente seguras. É necessário um esforço multifacetado e contínuo que requer comprometimento e participação da família e da escola. Quando a família e a escola se comprometem a reduzir a violência em todos os espaços de convivência, a começar dentro das próprias casas, a saúde e o bem-estar das crianças, dos adolescentes e jovens são aprimorados e, assim, construímos uma sociedade mais solidária. A família pode ajudar a apoiar a educação e a prevenção da violência na escola, orientando, de forma educativa, sobre uma Cultura de Paz e respeito. Além disso, os pais podem se comprometer com as iniciativas da escola, respeitando as indicações escolares e orientando seus filhos sobre a necessidade de seguirem as medidas para a segurança de todos. Por isso, é importante fortalecer a parceria família-escola!

Atentar-se às mudanças de comportamento dos estudantes: a família e a escola têm papel importante na observação e identificação de comportamentos preocupantes que possam indicar um risco de radicalização ou violência. Sugerimos que a comunidade educativa tenha acesso a programas de formação que preparem os educadores e familiares a estarem sensíveis e atentos às mudanças no comportamento das crianças e dos jovens, incluindo isolamento social, raiva excessiva, mudanças repentinas de comportamento e outras atitudes diferentes do usual. Percebendo isso, é necessário mobilizar a rede de proteção e de apoio do estudante para que iniciativas conjuntas sejam tomadas e ele possa ser acolhido e cuidado.

Intervir pastoral e psicopedagogicamente junto aos estudantes que experimentam problemas significativos de (des)ajustamento comportamental na escola: recomendamos que as instituições de ensino promovam estratégias que fomentem as habilidades socioemocionais dos estudantes associadas ao enfrentamento adaptativo e à resiliência. Para aqueles que estão passando por sofrimento social e/ou psicológico, os problemas complexos que enfrentam exigem a coordenação de intervenções entre a escola e as demais agências ou setores da vida comunitária. As escolas, sozinhas, não podem atender às inúmeras necessidades desses estudantes. Para essas crianças e esses jovens, pode ser necessário estabelecer acordos de cooperação com outros serviços de saúde mental comunitária e pública, com setores que lidam com as situações de liberdade condicional juvenil, com os demais serviços que têm papel de promover o bem-estar infanto-juvenil, a exemplo daqueles serviços de tratamento para adictos em álcool e drogas e outras agências de atendimento a jovens e famílias, tais como os Conselhos Tutelares.



Monitorar o ambiente virtual acessado pelos estudantes: recomendamos que as instituições de ensino e as famílias permaneçam orientando e monitorando as crianças e os adolescentes sobre o uso seguro da internet. Sugerimos que a escola recomende para as famílias o uso de versões customizadas de *sites* e aplicativos que selecionam o conteúdo apropriado para a faixa etária e que monitoram os endereços acessados pelos estudantes. Cuidado, diálogo e atenção para com as crianças e os jovens é um ato de amor. Não adianta proibir, é preciso ensinar o que é adequado ser acessado e divulgado. Os principais riscos do uso da internet por crianças e adolescentes são os acessos a conteúdos inapropriados para a idade, como pornografia, exposição da privacidade em redes sociais, o *cyberbullying* e a exposição da intimidade, principalmente na adolescência. Há, ainda, o perigo do contato com estranhos, que pode resultar em tentativas de assédio, aliciamentos ou golpes. Por isso, recomendamos que as instituições de ensino orientem as famílias sobre a importância de monitorar o uso da internet pelos seus filhos, de serem responsáveis e atentos ao que publicam nos aplicativos, como o *WhatsApp*, e o que acessam e divulgam em suas redes sociais. Ainda, recomendamos que os adultos, na família e na escola, estabeleçam com as crianças e os jovens um canal de confiança e diálogo. A família e a escola precisam se comunicar de forma interessada e respeitosa com crianças e adolescentes. Demonstrar interesse e buscar conhecer mais os assuntos que despertam a curiosidade deles é fundamental para fortalecer esse vínculo de confiança.

Garantir a segurança do espaço físico e virtual das escolas: recomendamos que as instituições de ensino tenham monitoramento de seus espaços internos e externos por centrais terceirizadas de vigilância, circuito fechado de vídeo, catracas eletrônicas com acesso restrito de pessoas, identificação de todas as pessoas que acessam a escola, entradas separadas de colaboradores, fornecedores e estudantes, redes de proteção nos muros, redes de filtro e monitoramento da internet da escola, assim como o uso de demais recursos tecnológicos que possam garantir a vigilância plena do espaço físico e virtual da escola. Sugerimos que as salas de aula tenham a chave pendurada do lado da porta, assim, os educadores podem se trancar com os estudantes, se for necessário. Recomendamos atenção à legislação que diz respeito ao uso de segurança armada e revista em adultos e materiais, tais como bolsas e mochilas, bem como procedimentos de revista a menores de idade. Antes da implantação de tais procedimentos, sugerimos que o jurídico da mantenedora seja consultado.

Procedimento em casos de invasão de agressor na escola: o Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos define como agressor uma pessoa que toma a iniciativa de machucar ou tentar matar pessoas em ambiente delimitado e populoso; na maioria dos casos, usam armas de fogo sem nenhum padrão ou método definido para seleção das suas vítimas. As situações de agressores são imprevisíveis e evoluem rapidamente. Em geral, é necessária a mobilização imediata **da polícia** para parar e reduzir os danos às vítimas. Antes da chegada da polícia ao local, os educadores precisam estar preparados mental e fisicamente para lidar com uma situação de alto risco. Destacamos que é importante decidir rapidamente o modo mais razoável de proteger a vida dos profissionais da escola



e dos estudantes. Apresentamos, a seguir, os principais procedimentos de segurança que são orientados pelos órgãos competentes.

1. FUGIR: se houver um caminho de fuga acessível, tente fugir do local rapidamente.

- Tenha em mente o plano e a rota de fuga (previamente já ter sido treinado por toda a equipe escolar para os casos de urgências);
- Fuja com os estudantes, sempre priorizando o grupo unido, controlando-os para evitar reações de pânico;
- Abandone todos os pertences;
- Impeça os estudantes e demais pessoas da escola de entrarem em local onde o agressor possa estar;
- Siga as instruções da polícia;
- Não tente mover os feridos;
- Telefone para o 190 assim que estiver seguro.

2. ESCONDER: não sendo possível fugir, ache um lugar para se esconder com os estudantes onde seja menos provável que o agressor os encontre. O esconderijo deve:

- Estar fora da visão do agressor;
- Dar proteção contra o disparo de tiros na direção dos educadores e dos estudantes (como uma sala com porta fechada e trancada);
- Não encurralar os educadores e os estudantes e nem restringir as suas opções de deslocamento.

Para impedir que um agressor entre no esconderijo:

- Tranque a porta;
- Bloqueie a porta com móveis pesados.

• Como Reagir se o agressor estiver nas proximidades:

- Tranque a porta;
- Silencie os celulares;
- Desligue qualquer fonte de ruído (como rádios, televisões);
- Esconda-se atrás de objetos grandes como armários e escrivaninhas);
- Mantenha todas as pessoas em silêncio e, dentro do possível, tranquilas.

Não conseguindo fugir ou se esconder:

- Mantenha todas as pessoas calmas;
- Telefone para o 190, se possível, para avisar à polícia. Informações a serem dadas à polícia: localização do agressor, número de agressores, havendo mais de um, descrição física do(s) agressor(es), número e o tipo de armas na posse do(s) agressor(es), número de possíveis vítimas no local.

- *Se a pessoa que telefonou não conseguir falar, mantenha a linha aberta e deixe o operador ouvir.*



3. LUTAR: como **último recurso** e, somente com risco de morte iminente, tentar atraparhar e/ou neutralizar o agressor:

- Atacando-o com a maior agressividade possível;
- Jogando objetos e improvisando armas;
- Gritando;
- Tomando ações decisivas.

Referências:

ATIRADOR ATIVO COMO REAGIR. U.S. Department of Homeland Security (Departamento de Segurança Interna dos EUA) Washington, DC 20528. Disponível em: <www.dhs.gov/active-shooter-preparedness>. Acesso em: 13/04/2023.

CARTILHA DE SEGURANÇA NAS ESCOLAS. PCGO. Divisão de Comunicação. Disponível em: <<https://www.policiacivil.go.gov.br/delegacias/regionais/cartilha-pcgo-pela-seguranca-nas-escolas.html>> Acesso em: 13/04/2022.

DISKIN,Lia. ROIZMAN, Laura Gorresio. Paz, como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas. UNESCO. 4ª. edição atualizada e ampliada. 2021

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Monteiro, Michelle Popenga Geraim. Berton, Tatiane Delurdes de Lima. Asinelli-Luz, Araci. A importância da inserção da cultura da paz no currículo escolar. Editora Unijuí • ISSN 2179-1309 • Ano 36 • nº 114 • Maio/Ago. 2021.

NUSSBAUM, M. Sem fins lucrativos. Por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes, 2015 (1ª edição original: 2010).